

Independência, Gênero e Reconhecimento: o lugar das mulheres na invenção da Nação Brasileira

**Maria de Lourdes da Silva
Lia Faria**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

1. Introdução

O século XX inicia com promessas de transformação da sociedade brasileira, sobretudo da jovem Capital Federal. A libertação dos escravos (1888), a grande imigração, a República (1889) são marcas de uma realidade mobilizadora dos espíritos comprometidos com a vida pública, com as ciências, as artes, os negócios. Os ventos das novidades sopravam de todos os lados: Paris, Londres e, embora a Europa fosse o nosso horizonte, as notícias das mudanças ocorridas na América do Norte ou em Buenos Aires estimulavam uma euforia despeitada...

Os avanços rumo à civilização incitavam os espíritos mais apressados de nossa inclusão no rol das nações que entraram no éden da modernidade. Um conjunto de medidas esquadrihava a cidade para eliminar seus vícios, modelar seus habitantes e inaugurar a tradição da "cidade maravilhosa"¹.

A ousada empreitada se abria em variadas frentes: reformas institucionais, legais, urbanas, sanitárias, culturais. Era com avidez que se buscava a cultura europeia na tentativa de reproduzi-la aqui.

Elegemos a crônica literária como foco de análise e problematização teórica. Analisamos crônicas de Benjamin Costallat em *Mysterios do Rio*, de 1923, e trechos da produção literária de Madame Chrysanthème, pseudônimo da jornalista e escritora Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos. Outros estudos a apontam como uma das mulheres pioneiras na literatura no Brasil do século XX.

A partir dessas representações buscamos identificar como a "invenção" do Brasil em termos de Nação foi promovida pela Proclamação da República. Ressaltamos a particularidade da experiência brasileira, quando à luz dos demais processos independentistas da América Latina, levando em conta o recorte de gênero. Assim, sinalizamos no Brasil um marco temporal diferenciado das experiências latinoamericanas: a viragem do século XIX ao XX.

¹ Considera-se que tenha sido a partir de um artigo, publicado no jornal A Notícia, escrito por Coelho Neto (1864- 1934), em 1908, a origem da expressão. Em 1928, Coelho Neto publica um livro, intitulado *Cidade Maravilhosa*, ao que parece reafirmando sua antiga denominação. Entretanto, ela somente teria caído nas graças da população em 1935, com a marcha carnavalesca "Cidade maravilhosa". Composta em 1934, por André Sá Filho, essa canção fora gravada pela irmã de Carmem Miranda, Aurora Miranda, e se tornou o *Hino Oficial do Estado da Guanabara*, hoje cidade do Rio de Janeiro.

Nos relatos acerca da peculiar independência brasileira – porque efetivada em dois momentos distintos, mas complementares – e da construção da Nação, tendo a capital da República, o Rio de Janeiro, como cenário, indagamos sobre o(s) modelo(s)/perfil(is) da mulher exigido pela nova cidade, capital da República. Quais as marcas coloniais/imperiais que permanecem na emergente república e que mulheres são consideradas “desejáveis” e quais as “indesejáveis”? Tais questões serão observadas, no entrecruzamento da história com a literatura. Intentamos historicidade e pelo duplo conceito *feminismo* e *feminices*.

2. A Invenção do Brasil: produção historiográfica e presença feminina

No cenário da emancipação colonial da América Latina, o Brasil percorre um trajeto singular. No início do século XIX, seguindo o movimento em curso nas demais áreas do continente, ficamos independentes de Portugal, tendo o filho do rei de Portugal – à frente do processo – impondo o Império como regime político e somente no final deste século, adotamos o regime republicano. Tal processo imprime marcas importantes no país.

Adentramos o século seguinte empenhados em desenvolver uma representação para essa peculiar nação mestiça, capaz de cumprir satisfatoriamente o papel de agregar seu povo, construir e condensar seus interesses de modo a fazê-los pertencer a todos. Buscava-se um *mito fundador*² de agenciamento da identidade da nação brasileira. Marilena Chauí diferencia em seu trabalho, a *formação* histórica de realidades sociais e a fundação de mitos de origem. A *formação* estaria referida “às determinações económicas, sociais e políticas que produzem um acontecimento histórico, mas também pensam em transformações e, portanto, na continuidade ou na descontinuidade dos acontecimentos, percebidos como processos temporais”³; por outro lado, “a fundação se refere a um momento passado imaginário”⁴.

A cada contexto histórico, a realidade seria formada pela atualização indefinida do mito fundador, uma vez que o repertório de representações preparado pelo mito alimentaria as ideologias de cada momento histórico. Fundação e formação se retroalimentariam indefinidamente dando perenidade ao mito e legitimidade aos contextos ideológicos.

Nosso mito fundador está referido especialmente à ideia de nação e traz com ele a questão da representação da natureza, das raças, das classes, do gênero, das contradições aí contidas, mas minimizadas por sua força persuasiva⁵. No que diz

² Assim definido por Chauí, Marilena: “Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é repetição de si mesmo”. [Grifo da autora]. 2000, p. 9.

³ Ibidem.

⁴ Ibidem

⁵ Chauí assinala que a noção de nação nasce no momento do acirramento das contradições do capitalismo na virada dos séculos XIX-XX onde a construção do Estado passava pelo debate sobre o “caráter nacional”. O patriotismo se transforma em nacionalismo, ou seja, uma preocupação estatal quando o acirramento das contradições de classes aparece com maior clareza e como esforço de resolver três problemas: as lutas populares socialistas, a resistência de grupos tradicionais ameaçados pela modernidade capitalista e o surgimento da pequena burguesia – classe intermediária temerosa da proletarização. O Estado procura identificar um princípio de nacionalidade, uma ideia nacional que unifique a sociedade. Então, uma tradição

respeito às representações sobre as mulheres, a ideia da inferioridade biológica destas é utilizada para recolocar os limites quanto ao pertencimento e atuação na sociedade. Reiteradamente, a par das discussões travadas em torno delas no mundo ocidental, o seu lugar social é devedor de sua natureza peculiar.

A emancipação da mulher brasileira caminhou em rota paralela à emancipação do país. Tal como a desse, trata-se de uma construção lenta, repleta de recuos, desvios e inúmeras paragens, impostos pelas divagações e reflexões a que se viam obrigados os homens, que arbitravam sobre as circunstâncias que deveriam habitar nossa inelutável *fortuna* sociocultural e político- econômica.

Os estudos acerca da presença feminina em espaços distintos ao âmbito do Brasil doméstico⁶ têm mostrado que desde o período colonial as mulheres vêm desempenhando funções em muito distantes do cuidado da casa e da maternidade. No final do século XIX, o debate acerca do lugar e do papel da mulher na sociedade alcançou escalas inusitadas.⁷ A presença das mulheres em diferentes espaços, exibindo desenvoltura e domínio em assuntos antes negados a elas, proliferou no século XX em produções diversas (literárias, científicas, ensaísticas, opiniáticas, etc.), no cerne habitava o questionamento sobre a condição da mulher. Até a década de 1960 o movimento feminista havia trazido um enfoque que remontava ao século XVIII, quando os embates entre homens e mulheres acerca da condição política destas eram caracterizados por um jogo de oposição onde as mulheres problematizavam seus pertencimentos sociais, derivados da condição sexual biológica. Tal visão deriva da condição anatomo-fisiológica, que sustentou o discurso científico produzido adiante, no século XIX, interessado na manutenção dessa distinção dos papéis sociais sexuais.

A interação entre luta política e produção de conhecimento reverberou pelo campo da história, quando ali convergiram as intenções de expansão e diversificação disciplinar, cujo interesse era observar outros sujeitos. Esse novo procedimento da disciplina⁸ abriu à construção da história das mulheres e à transformação deste termo em categoria de análise a partir da qual se problematizava tanto as diferenças entre homens e mulheres, quanto as diferenças no interior do próprio conjunto de mulheres. No entanto, Joan Scott afirma que a história das mulheres naquele momento foi somente tolerada, porque outros grupos precisavam legitimar seus próprios tópicos de interesse, mas que essa história “permaneceu fora das preocupações dominantes da disciplina”⁹.

Portanto, a construção das mulheres como objeto de investigação e sujeitos da história foi sendo edificada, à medida que as mulheres construía espaços legítimos de formação e profissionalização. Joan Scott afirma que os avanços operados na história das mulheres estão intimamente ligados à legitimação do feminismo como

é construída a respeito da nação, “ela passou a ser vista como algo que sempre teria existido, desde tempos imemoriais”. (Op. cit., pp. 18-19).

⁶ Samara, 2002 e 2003; Oliveira, 2007; Ribeiro, 2000; Souza, 2004; entre outros.

⁷ Priore, 2001; Rago, 1985, 2007 e 2008; Vasconcellos e Faria, 2009; Faria, 1996.

⁸ Burke, 1992; Revel, 2010; Le Goff, 1993; Hunt, 1992; entre outros.

⁹ Scott. “História das Mulheres”, 1992, p. 85.

movimento político¹⁰. Assim como escrever a história das mulheres, continua Scott, implica em compreender a dinâmica da produção do conhecimento operada no interior deste campo disciplinar, considerando a dinâmica das correlações de força e poder ali instalados.

Os estudos sobre gênero se sobrepuseram à anterior abordagem metodológica amparada na perspectiva do dimorfismo sexual. Sobre seu uso, Joan Scott afirma ainda que: "A categoria de gênero, usada antes para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendida à questão das diferenças dentro da diferença"¹¹. Seu entendimento a respeito da falsa oposição entre teoria e política que, no caso da história das mulheres, visa, por um lado, dissociar, no interior da própria disciplina, os modos como as relações de poder e os sistemas de convicção e prática operam nos processos de construção do conhecimento e politizam necessariamente o campo da história¹²; e, por outro, anunciar a falência do movimento feminista enquanto frente de luta política e a vitória da história das mulheres como campo de investigação científica dissociado daquele movimento - uma percepção positiva na qual a isenção do historiador é recrudescida pelo seu profissionalismo.

3. Literatura e feminismo

Ao revisitar o percurso da história das mulheres no início do século XX, buscamos identificar faces e características do debate feminista. Embora, para os limites deste trabalho, a categoria gênero seja anacrônica, é crucial entender as respostas que o emprego das categorias antecedentes procurou oferecer às questões levantadas nos períodos em que vigoram. Tais questões movimentam e constituem parte do quadro especulativo promovido pelo debate.

À época, o meio de expressão privilegiado das lutas das mulheres era a imprensa¹³. Tanto a tradicional quanto àquela criada e sustentada pelas mulheres abrigavam diferentes representações sobre as mulheres e seu universo. Tal literatura procurou haver-se com as questões não resolvidas pelo avanço das democracias liberais e liberdades individuais e pelas contradições resultantes da permanência das forças conservadoras endereçadas à preservação da condição da mulher a despeito do contexto social.

Nádia Gotlib assinala a vasta produção literária voltada às mulheres na Belle Époque brasileira destacando o caráter não frívolo e banal desta produção, ainda que a exploração da temática assim aparentasse:

Partindo sempre de situações banalíssimas do cotidiado, surgem os detalhes de comportamento, em tom bem humorado, usados teatralmente, a garantirem a eficácia do texto como uma espécie de comédia de costumes. Neste contexto é que surge uma de suas personagens, a mulher consciente, mas inoperante, que se reconhece como "boneca de carne e osso" e "mais nada", mas sem força para

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem.

¹² Ibidem, p. 95

¹³ Imprensa representando todas as formas de produção impressa, sejam livros ou diários e periódicos.

se livrar dessa dependência. E mais: sem nem mesmo ter palavras para se fazer entender pelo marido...¹⁴ Daí o tom duplo que estes contos/crônicas têm: aparentemente, ligeiros, quase levianos, mas, ao mesmo tempo, um tanto trágicos, já que, por detrás da fala conformada da mulher, que apenas *se distrai*, entre compras e chás, entre as curvas e ornamentos do cenário belle-époque, pesa uma certa amargura de situação mal resolvida.¹⁵

Muito se tem investigado sobre a presença da mulher na literatura, tanto do ponto de vista da literatura produzida por mulheres, quanto da elaboração de representações sobre mulheres como personagens literárias. Ambas as vias interpretativas têm suscitado discussões acerca dos sentidos do feminino, das questões relativas aos debates sobre gênero/sexualidade/identidades, construídos pela literatura ou por ela capturados ou nela negociados, para fins de usufruto coletivo e de legitimação social.

No gênero literário realismo-naturalismo a presença feminina é explorada exacerbando a linha de investigação da ciência natural, voltada à justificação de uma tipologia humana pautada em concepções eugenistas dedicadas a explicar a força com que as mulheres emergiam a cena pública. A despeito de a favorável conjuntura oportunizar novos espaços de sociabilidades como cafés, teatros, clubes e contrariando os estímulos do mundo moderno e suas demandas, a ciência insistia em reforçar representações sobre a mulher e o feminino vinculadas à sua natureza biológica frágil e sensível. Ao contrário das atribuições masculinas ligadas à inteligência, à razão lúcida e à capacidade de decisão. Isto implicava negar-lhe direitos de cidadania¹⁶ e em tomá-la como aberração degenerada. Além dos inúmeros tratados médicos sobre o assunto, a literatura também destilou esse credo em larga proporção.

Esse imbricamento entre a literatura do determinismo biológico com as práticas ordinárias da ciência positiva, sobretudo, das que faziam convergir ciência natural às humanas. Bizarries, deformidades, loucuras diversas tinham grande apelo na prática da medicina inspiradas nas ideias de Lombroso e dos seguidores da Escola de Criminologia Positiva. Deste modo, a literatura naturalista espelhava esse espírito que implicava certa crença de que “tudo era possível”; de que o homem estava preso à sua animalidade natural e de que a degeneração lhe era tão constitutiva quanto a sua evolução. Como separar um aspecto do outro: onde acaba a ciência e começa a ficção?

Essa ficção está eivada pelos ares que preenchem os ambientes letrados, mas também marcada pela realidade nua e crua das transformações sociais. A grande novidade era trazer essa realidade para os noticiários, descrevendo-a em seus mínimos detalhes, refletindo sobre ela em ensaios extensos como nos romances *Os*

¹⁴ Julia Lopes de Almeida, “Cada vez que...”. *Eles e Elas*. 2. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1922, pp. 21-28.

¹⁵ Gotlib, N.B. 1998, p. 15.

¹⁶ *Ibidem*, p. 332.

*Sertões, A Carne, O Cortiço, Dom Casmurro*¹⁷, ou na brevidade das crônicas como faziam João do Rio e Ribeiro Couto.

Segundo Flora Süssekind, a fotografia, com seu caráter de remissão à verdade dos fatos, comportando-se como prova contundente da narrativa a ela agregada, informa aos leitores dos periódicos uma precisa objetividade, uma evidência incontestável dos fatos. Funcionando com caráter documental, essa "imagem técnica" fascinava os leitores e acabava por submeter-lhe o texto tornando-o secundário¹⁸.

O texto escrito se firma de modo mais contundente, através da crônica, cujo empenho para superar a concorrência da fotografia desemboca numa técnica narrativa, que se destacava pelo uso primoroso do léxico:

Daí a obsessão por um vocabulário rico, por uma redação enfática, ornamental, pela dramatização retórica do narrado. Como uma espécie de resistência pela ênfase, pela superornamentação e pelo preciosismo verbal frente ao privilégio crescente da ilustração.¹⁹

A fotografia incendiava os ambientes letrados e chocava por não permitir revogação, por fazer às vezes da "prova cabal". Na sua esteira, o cinematógrafo, enquanto técnica narrativa que se forjava exclusivamente por imagens ainda não sonorizadas, ampliava a possibilidade de usos da imagem. À maneira da literatura, este criava histórias, personagens, fatos, vidas que eram lançadas ao consumo de letrados e não letrados. Tal ordem de fatores cria uma cilada à narrativa escrita, sobretudo numa sociedade de poucos letrados, levando-a a pressionar por espaço. A réplica literária advinda das crônicas jornalísticas de Madame Chrysanthème e Costallat se faz com a mesma intenção de chocar. Costallat repete a fórmula francesa e americana de crônicas que revelem o submundo da cidade.²⁰ O recurso ao excesso era para compensar a concorrência com as novas tecnologias midiáticas. Antônio Candido dirá que Costallat é um exemplo "do pendor cada vez mais acentuado para a leviandade do tema sexual-humorístico"²¹. Chysanthème também faz uso dos expedientes de excesso que garantissem suas colunas jornalísticas sempre em alta entre os leitores. Ambos os jornalistas recriavam a cidade em suas narrativas, personagens e enredos.

4. Chrysanthème e Costallat: universo feminino e *feminices* em questão

A produção literária, em especial a crônica, revela a presença das diferentes imagens femininas em suas representações, como as de Madame Chrysanthème. Tais narrativas provocam desconfortos quanto à naturalização desses espaços de pertença às mulheres. Autora de uma importante obra ficcional sobre a mulher, podemos observar nela uma preocupação com as condições concretas de vida das

¹⁷ De Euclides da Cunha, Julio Ribeiro, Aloísio de Azevedo e Machado de Assis, respectivamente.

¹⁸ Süssekind, F. 2006, p. 35-6.

¹⁹ *Ibidem*, p. 37.

²⁰ Célia Polesel afirma: "O trabalho foi encomendado tendo como referência obras publicadas em jornais europeus e americanos como os *Mistérios de Paris*, de Nova Iorque onde se retratava o submundo dessas cidades. Costallat faz o mesmo com temas do submundo carioca". 2007, p. 2.

²¹ Candido, A. 2006, p. 120.

mulheres, como na crônica publicada no jornal O Paiz, em 21 de dezembro de 1915, na seção Palestra Feminina, intitulada *A Escola Normal*:

O programa da Escola Normal é extenso, difficultoso, exaustivo e dispensavel. O programma, por exemplo, de phisica e chimica abrange demais esta sciencia e é mais completo do que o da Faculdade de Medicina!! A pedagogia é ali aprendida com demasiada rispidez e severidade requerida nos exames. A hygiene é estudada com afinco e faz-se della um campo de batalha para que a alumna seja aprovada no fim do anno. (...) O que se torna urgente é que nossas futuras professoras saibam ensinar, sejam fortes, corajosas e tenham paciência e carinho para com os seus alumnos. E para isso é indispensavel não as cansar demasiado com esse rude programma que, uma vez devorado, as devora por seu turno, entisicando-as, anemiando-as, enervando-as.²²

Chrysanthème discorre a respeito das dificuldades das normalistas para cumprir um programa exagerado não porque as mulheres fossem inferiores, mas porque inadequado quando colocado frente às circunstâncias concretas da realidade escolar. Ao mesmo tempo em que denuncia um programa de formação de professoras, cuja complexidade contraria as visões de inferioridade intelectual das mulheres, aponta para uma solução que preserva o traço da fragilidade feminina que deve ser respeitada. Quando se dirige ao médico Afranio Peixoto, diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro entre 1915 e 1916, importa observar em que medida a premissa defendida pela autora concorre para afirmar certa representação sobre a mulher, ou se refuta aquela imputada pelo programa do Curso Normal, postulando suas críticas e inscrevendo sentidos dissonantes àqueles.

Considerando que a autora politiza a legitimação de uma dimensão do universo feminino, ela recusa na literatura que produz o tratamento raso e ralo dado aos assuntos no âmbito tradicional destas. Ela reflete sobre a formação profissional da mulher, cidadã, assim como sobre o esforço de fazer caber no universo feminino discussões que movimentam a sociedade e lhe abalam a estrutura irremediavelmente: é do pertencimento da mulher ao espaço público e do papel que lhe cabe na nação em formação que se ocupa a jornalista. Na crônica seguinte, dando continuidade ao debate, afirma:

Estamos em época de exames. Não será em vão o appello que eu tomo a liberdade de fazer d'aqui ao espirito equitativo dos examinadores. É evidente que essas alumnas esmagadas por esses programmas, não poderão satisfazer as exigências de todos. Estarão cansadas de um anno inteiro de labor; nervosas pela ocasião; perturbadas pelo calor excessivo do terrível mez de dezembro e medrosas, enfraquecidas, tremulas... Para que exigir tanto de meninas cujo espirito ainda não se desenvolveu inteiramente e cujo corpo é fraco e em plena formação?²³

O texto assinala ainda que Chrysanthème concebe mulheres à mercê da natureza tanto endógena quanto exógena. Hormonais, frágeis, sucumbidas pelas intempéries

²² Madame Chrysanthème. "A Escola Normal". O. Paiz. 21/12/1915, p. 02.

²³ Ibidem, p. 02.

climáticas e sociais tanto quanto pelas variações de humores decorrentes dos ciclos hormonais femininos. Enquanto cidadãs, mulheres aptas a opinar, a expor seus pensamentos, sim, mas não iguais aos homens, diferentes em natureza e comportamentos como na passagem de um de seus romances:

A existência corria para mim brilhantemente, embora eu tivesse de quando em vez os meus momentos de fastio e de intensa fadiga d'alma. Nesses dias, encerrava-me em meu quarto, (...) e, no meu leito, abraçada a um úmido ramalhete de rosas ou de cravos, eu cismava vagamente em mil coisas, ou simplesmente modorrava de um modo doentio. Não pensava por enquanto na morfina, que nos causa bebedeiras paradisíacas, nem na cocaína, que, depois de uma ligeira exaltação, nos serve a calma sem eternidade de uma morte aparente. O mundo e os seus deleites, o sofrimento com seu cortejo lívido de apreensões, desapareciam do meu cérebro nessas ocasiões em que eu sentia o arracamento ou uma fuga d'alma fora do meu corpo...²⁴

Distanciamento e reclusão configuram nuances do universo de particularidades femininas. As nomeamos *feminices*, ou singularidades femininas que diferenciam os sexos, mas igualam o gênero perenemente. Nos trechos destacados, Chrysanthème fala de mulheres reais conformadas por uma sensibilidade diferenciada, uma natureza distinta da dos homens. Considerar essas particularidades não significa despi-las de senso crítico e aliená-las, mas em observar suas diferenças frente aos homens, o que torna pertinente reuni-las atemporalmente.

Neologismo, não consta dos dicionários tradicionais, embora haja largo uso do termo nomeando domínios da *web*, carregados de acepções que remetem às manifestações tradicionalmente colocadas na conta das mulheres, ao que socialmente é identificado como feminino²⁵. Há certa similitude na construção morfológica do termo com os adjetivos *meninice*, *criancice* e *maluquice*, por exemplo, os quais, já legitimados como modos ou procedimentos próprios dos significantes aos quais os radicais destes termos remetem, organizam e enumeram o caráter daquilo que qualificam. *Feminice* seria, assim, qualidade ou algo próprio do universo feminino, mas diferindo deste adjetivo por conjurar certa leveza, ingenuidade, tolice...

A palavra *feminice* – termo que pode assinalar o que Raquel Soihet descreve como modelo feminino tradicional, no qual destaca os aspectos “passivo, fútil, sem maior iniciativa” desse universo²⁶ –, guarda distância das imagens do movimento organizado denominado feminista, voltado à busca da emancipação política e da inserção social da mulher. Por *feminice* denominam-se representações das mulheres negociadas em função do *status quo*, construídas como incremento das resistências às ações desestabilizadoras das feministas. Enquanto filtro pelo qual se processa leituras do universo feminino, reelaborando-o segundo uma roupagem institucional

²⁴ Madame Chrysanthème, Enervadas. Resende. 2006, p. 57.

²⁵Podemos citar como exemplo os domínios: www.feminiceseafins.com/; www.feminices.com/; www.pausaparafeminices.com/; www.facebook.com/pages/feminices/158787830876435; www.maisfeminices.com/; www.falandodefeminices.com/; www.feminicesevaidades.com/; sofeminices.blogspot.com/; feminicesbycamila.blogspot.com/; etc. Acesso em: 02/03/2013.

²⁶ Soihet, R. 1997, p. 281.

e contextual, ele pode ser operado pelos homens ou pelas próprias mulheres. Trata-se de uma visão estratégica que atribui significados à mulher, preservando-lhe o direito às diferenças instituídas pela natureza e pela cultura simultaneamente.

Observamos que as brasileiras encontraram um modo de recuperar essa dimensão do universo das mulheres, que por tanto tempo foi declarado como espaço próprio às *mariazinhas e mulherzinhas*. Um movimento lento e constante tem adquirido amplitude por recolocar no centro do debate certa concepção de feminilidade – acusada de ausente por longo período – associada a essa construção da mulher que reconhece seu lugar, o acata e ainda aspira pertencimento à esfera pública.

Enquanto o feminismo parece intimidado e retraído em nossos dias, as *feminices* se consagram redimensionando a presença da mulher na sociedade. Como artimanha do patriarcado? Mais um *revival* e reedição do sexo frágil? Ou será a falência da mulher aguerrida? O que representam exatamente essas *feminices*? Tais questões parecem apontar para certa possibilidade das mulheres expressarem seus desejos agindo segundo suas motivações. Tal perspectiva parece agregar-se ao reconhecimento de direitos e possibilidade de escolha dada à mulher, como os contos de Benjamm Costallat, aqui considerados. No primeiro, “Uma historia de ‘manucure’”, a pequena Anita de 13 anos encontra na função de manicure de um luxuoso hotel do Rio de Janeiro modernizado, outra atividade não prescrita a qual não pode recusar, como se vê na passagem:

O impecável gerente pontificava:

Um grande hotel deve estar habilitado a fornecer tudo o que o freguez pedir. As “manucures” são obrigadas a ir aos quartos dos hospedes... Alias, “sais-tu”, não debes chorar... Isso devia acontecer um dia ou outro... É como um mão dente que se deve tirar hoje ou amanhã! Não podias ser “manucure” de outro modo... Agora já setas habilitada, “sais-tu”... Isso, que diabo, é o segredo das “manucures”... Então, acreditas, verdadeiramente, que uma quantidade de homens que nem toma banho, se preocuparia tanto com o brilho de suas unhas, se no meio de tudo isso não houvesse o segredo das manucures? Oh! “sais-tu”, és muito ingênua ainda... Mas hás de chegar a ser a “manucure” digna desse sumptuoso hotel!²⁷

Para o dono do hotel, o serviço de manicure é apenas uma fachada para outro mais importante e atrativo aos hóspedes, incrédulo do quanto a menina ignora as regras locais, ele a desafia com a pergunta cuja resposta julga óbvia: “que importa o lustre das unhas para quem não costuma tomar sequer banho?” E, embora descreva a miséria da menina e o infortúnio do tratamento oferecido pelos homens às moças humildes, ironicamente, o conto termina com a manicure diante de outro quarto e com a fala do hóspede ecoando lá de dentro: “queira entrar...”. Por mais perversa que pareça a realidade, o livre arbítrio é posto na conta da menina-mulher, o que aumenta sua miséria, mas pesa-lhe mais a pouca idade, da qual o hoteleiro ignora as implicações.

²⁷ Costallat. “Uma historia de ‘manucure’”. *Mystérios do Rio*. 1924, p. 211-225.

Na passagem da crônica "Quando os cabarets se abrem", do mesmo autor e no mesmo livro, ele escreve:

...E a dansarina de olhos azues contou-me o fim de sua historia:
Desde a idade de quinze annos eu dansava com minha irmã mais velha nos "cabarets".
Mas era pura. Era virgem. Era innocente...
Ninguém o acreditava. Ninguém concebia que, vivendo, todas as noites, neste meio de perdição, dansando semi-núa para os homens, pudesse existir uma donzella...
As minhas collegas, ellas que sabiam da verdade, debochavam-me:
- Como vaes, lyrio do "cabaret"?
Fiquei com o extranho appellido – lyrio do "cabaret".²⁸

Ao longo da narrativa, a personagem expõe os motivos que a levaram a decidir-se pela entrega a "um qualquer" frequentador da casa, equiparando-se às demais mulheres dançarinas. Vale enfatizar que a representação feminina aqui realçada resulta exclusivamente do olhar masculino, justificado pelas mudanças em curso na vida social, não podendo escapar – ou não querendo escapar – as novas possibilidades de existência do sexo feminino, conforme o texto abaixo:

- O senhor repare, repare as recém-chegadas, as artistas que pela primeira vez vêm cantar num "club" de jogo. Repare os collares, os anneis, as pulseiras que trazem. Um mez depois ellas não têm mais nada... Mais nada... A roleta não perdôa... E é com isso que contam os donos de "cabaret", ao fazer os seus contratos, aparentemente vantajosos...²⁹

Assim associa a exploração do jogo às cantoras contratadas pelo cassino. Novamente, afirma o autor, que a decisão depende dessas mulheres, tecendo considerações acerca da armadilha para enredar as mulheres, nesse emaranhado que vai minando suas forças e fazendo-as sucumbir ante às vicissitudes da nova vida moderna. Mulheres, mais do que os homens, seriam mais visceralmente atingidas por tais artimanhas.

Por decisão ou empurrão, com vontade ou sem ela, as mulheres de Costallat participam da construção da cidade moderna, do Brasil moderno, pela via mais perversa. O autor ocupa-se em ser a voz que constrói e retrata a degradação moral daquelas que ousam fugir ao destino do casamento, à pacata vida de donas de casa e pagam com sua felicidade, honra e, às vezes, com a própria vida, os custos dessas escolhas.

5. Conclusão

O papel das mulheres na construção da nação brasileira ainda está por ser escrito, sobretudo, daquelas que, como Chrysanthème, tiveram seu trabalho e, consequentemente, suas vozes apagadas pelo tempo. No que diz respeito às questões femininas que aparecem como firulas, banalidades, superficialidades, se

²⁸ Costallat. "Quando os 'Cabarets' se abrem". *Mystérios do Rio*. 1924, pp. 39-52.

²⁹ *Ibidem*, p. 45

destaca um espaço de ação das mulheres, que nos remete à sua resistência ao mundo moderno, ao seu direito de sair do espaço da casa e ocupar os espaços públicos possíveis.

Enquanto Costallat denuncia os modos como as mulheres vão se degradando, Chrysanthème, considera os excessos deliberados de homens que submetem mulheres. No caso específico aqui destacado, ela discorre a respeito de um ambiente de formação profissional patrocinado pelo Estado e, no outro exemplo, exhibe a degradação feminina ocorrendo no coração da casa, sob a suposta proteção familiar. Em ambas as situações, a novidade é a atitude feminina frente aos constrangimentos impostos pela conduta social aprovada ou refutada. O olhar masculino alcança a atitude de seus pares; o olhar feminino, a delas.

Tais narrativas nos convidam a pensar sobre os esforços das mulheres para pertencer ao mundo da rua, para ocupar o espaço público e obter merecimento e reconhecimento. Portanto, abrir mão da dimensão mais lúdica, mais abstrata e não tangível da dimensão feminina, deixar-se medir, permitir-se ser cobrada e equiparada aos homens, como justificativas ao merecimento e reconhecimento dos espaços que pleiteava, parece indicar certo grau de violência autoimposta, de agressão consentida, de competição e desafio aceitos por elas, como uma possível resposta aos homens e às mulheres que se calavam.

Ao que tudo indica, a fala de Costallat reverbera nos dias de hoje, aceita e institucionalizada, imputando às mulheres total responsabilidade por suas vidas a despeito das condições que a forjaram. Enquanto a fala de Chrysanthème, ao reclamar um tratamento diferenciado às mulheres, foi tomada como discriminadora, por imputar condição de inferioridade e colocar sob suspeita o espaço imaculado da casa. Neste sentido, sua fala abalava os alicerces da família sagrada, sendo abafada e esquecida.

O que o presente texto sinaliza é que, divulgadas em livros e periódicos, cristalizadas nos espaços onde circulam de acordo com o que pregam as convenções, as falas de nossos autores revelam as disputas, os embates travados quanto às mulheres, seu papel, seu lugar na nação brasileira em formação.

De acordo com tal contexto, se evidencia uma ação pedagógica informal desenvolvida segundo a ação exercida pela escrita desses autores e consumida pela sociedade. Nela, a criação e a reprodução de representações sobre mulheres que ousam disputar, na corrente dos acontecimentos, espaços, para estabelecer-se e conformar outros modelos de representação da mulher. As crônicas assinalam diferentes elementos que são arregimentados para compor os sentidos que alicerçam essas representações.

Por fim, torna-se importante observar como as obras literárias, naquele início de Brasil republicano, demarcaram as representações sobre as mulheres e de como tais ideias ainda circulam em nossos dias.

Referência Bibliográfica

BROCA, Brito. *A vida Literária no Brasil – 1900*. 4a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

CALHAU, Lélío Braga. *Cesare Lombroso: criminologia e a Escola Positiva de Direito Penal*. <http://www.lfg.com.br>.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9a. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

COSTALLAT, Benjamim. *Mysterios do Rio*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923.

DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 5a ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ENGEL, Magali. "Psiquiatria e Feminilidade". *História das Mulheres no Brasil*. Mary Del Priori. 5a ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 322-361.

FARIA, L. C. M. . *Olhar Feminino sobre Ideologias e Utopias dos anos Sessenta: Discurso - Fundador de uma Geração*. Contexto & Educação, Ijuí, v. 42, p. 98-112, 1996.

GOTLIB, Nádia Battella. *A literatura feita por mulheres no Brasil*. http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_Nadia_Gotlib.htm#_ftnref51.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MME. Chrysanthème. "A Escola Normal". In: O Paiz; seção: Palestra Feminina; 21 e 28 de dezembro de 1915, p. 02.

PINTO, Maria de Lourdes de Melo. *Memória de autoria feminina nas primeiras décadas do século XX: a emergência da obra periodística de Chrysanthème*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Centro de Letras e Artes/Faculdade de Letras/Coordenação de Pós-graduação em Letras, 2006. 3v. e 1 CD-ROM. 680 p. [Tese de Doutorado em Literatura Comparada].

_____. *Do privado ao público; a (des)construção do discurso engenhoso patriarcal em crônicas escolhidas de Chrysanthème (O Paiz -1914 a 1937)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Coordenação dos Cursos de Pós-graduação em Letras, 1999. [Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada. mimeo].

OLIVEIRA, Cláudia Fernanda de. "Educação Feminina na Colônia: aprendizado e possibilidades de uso dos ofícios manuais em Minas Gerais (1750 -1800)". – FaE / UFMG. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007. <http://>

snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/CI%E1udia%20Fernanda%20de%20Oliveira.pdf.

POLESEL, Célia. "Benjamim Costallat: jornalismo e literatura na escrita do submundo". Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2007. http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/lista_area_NP-JO.htm.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar*. 2. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

RESENDE, Beatriz. *O Rio de Janeiro e o cañone modernista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. n. 129, p. 47-56.

_____. *Cocaína: literatura e outros companheiros de ilusão*. Rio de Janeiro: casa da Palavra, 2006.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. "Mulheres Educadas na Colônia". In: Elaine Marta Teixeira Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga (org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 2º ed. p.79-94.

SAMARA, Eni de Mesquita. SAMARA, Eni de Mesquita. *Família, mulheres e povoamento: São Paulo, século XVII*. Bauru, SP. EDUSC, 2003.

_____. "Mulheres pioneiras: histórias de vida na expansão do povoamento paulista Trajetórias e Biografias femininas". Anais do Sexto Congresso Internacional do Brazilian Studies Association (BRASA) Atlanta, Georgia 4-6 de abril de 2002. <http://sitemason.vanderbilt.edu/files/bKenCw/Samara%20Eni%20de%20Mesquita.pdf>.

SCOTT, Joan. "História das Mulheres". In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História – Novas Perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

_____. Gênero: *uma categoria útil de análise histórica*. Revista Educação e Realidade. 20(2), jul./dez., 1995. p. 71-99.

SOIHET, Raquel. "História das Mulheres". In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VASCONCELLOS, M. C. C.; FARIA, L. C. M. . *Retratos de la educación femenina en el Brasil del siglo XIX*. Revista de Educacion de las Ciencias, v. 1, p. 1-20, 2009.

XAVIER, Elódia. *O Pseudônimo Chrysanthème e a Personagem de Pierre Loti: um simples empréstimo?* <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigos/pseudonimo.html>.